

NOTAS PRÉVIAS

O tempo na vertigem do não-tempo não me deixou tempo para agarrar o tempo e deixar gravadas vivências e momentos significantes de uma vida completa, cheia e apressada. Vida que me foi dada por quem e para quem o Arquetipo do tempo nunca tem lugar nem tempo.

A vida, a minha, continuamente singular, foi e é a de quem é, ainda, um momento no infinito do Sentimento e do Pensamento.

É assim que, hoje, me sinto e vivo feliz, sem a ansiedade de contar o tempo que falta para alcançar o não-tempo.

Assim sendo, e porque, ainda, vivo e penso, não deixarei de dar testemunho do que aprendi, vivi, ouvi e vivi, no contexto da minha vida quer biológica quer familiar e, com mesmo intuito, a vida académica, laboral e profissional, integrado numa comunidade nacional e nos mais coerentes e incoerentes regimes políticos e sociais nacionais e internacionais, com o único propósito ou seja o do dever cívico relatando experiências e responsabilidades que me foram sendo atribuídas “por quem de direito” de um país europeu, agora, da Comunidade Europeia, que teve uma História e Memória ao qual, que por via da lei da nacionalidade pertença.

Agora, em razão da evolução involutiva de mentalidades e de poderes políticos, por vezes inconsequentes; ou até de ideologias, pouco simpáticas ou solidárias para os vencedores da vida pensante, vivida, por vezes enquadrada ou em “out-sider” dos valores estimáveis e “incontestados” da vontade, da liberdade e da igualdade dos humanos; corre-se o iminente perigo de se atingir a

endemia surgente neste País de que nem a *História* nem a *Memória* são valores de uma Nação ou, apenas, da nacionalidade.

Esta endemia não é só portuguesa, é europeia e, em outros contextos, planetário-terráqueos. Pasmese... Se tem ainda, senso crítico.

Bastará reflectir-se nas raízes sociológicas que contrariam o Direito Natural, expressas no título e no desenvolvimento artístico de uma peça da arte cinematográfica, deste século, titulado em português “Este país não é para velhos”!!! para, não se sendo génio, futurar-se o “destino histórico” da nova inteligência de matriz tecnológica obsessiva. Esta vai-se radicando na sociedade actual que, por tal, se vai afirmando no terreno, onde o analfabetismo “intelectualizante”, recorrente e de retorno, se vai formalizando numa constante sociológica a qual deixa como único benefício contestável, o facto de que tal poderá, eventualmente, constituir-se em tema de investigações, no espaço do “politicamente (in)correcto.

Desde aqui, cheguei ao ponto de partida, onde a minha posição reflexiva sobre as pessoas que escreviam “Memórias”. De “peito aberto”, vou contradizer-me, num acto de auto-negação, do conceito antigo, havido na minha adolescência.

Nessa época aquele conceito ocorria-me sempre e quando me encontrava com as “Memórias” escritas por tantas personalidades, no campo literário e político.

Esta atitude traduzia a minha convicção de que as pessoas, escritores ou não, que escreviam “Memórias” eram apenas aquelas em que, na sua passagem na vida, nada de importante teria ficado gravado na herança do seu tempo ou haviam abandonado a sua imperturbável atitude para continuarem a produzir pensamentos ou a defender doutrinas saudosistas; ou não haviam acompanhado a evolução dos “novos tempos”, resguardando-se no “antigamente” subjugados por determinismos filosóficos, políticos ou religiosos.

Seja-me permitido, aqui, abrir um parêntesis em que vou revelar a causa de interiorizar o conceito que na juventude me levou a abandonar a leitura de livros de Memórias Contemporâneas.

Na primeira metade dos anos cinquenta encontrei na Biblioteca do meu tio materno, com quem vivia, o livro “Homens e Paisagens Que Eu Conheci”, de Augusto de Castro. Lio todo e confesso que, como adolescente, não gostei. Apesar de tudo, o seu trabalho de escritor não se fica por “Memórias”. Mais tarde vim a conhecer os seus escritos no Diário de Notícias de que foi seu Director, e soube que além de ser escritor e jornalista foi também diplomata em Embaixadas de mais de uma capital de países europeus.

As suas peças literárias enquadravam-se na dramaturgia com pequenas comédias. Era aliás um defensor indefetível do Estado Novo.

Amadurecido e apoiado pelas escritas, de modo particular de europeus ocidentais, e de pensadores e filósofos que deixaram a sua “pegada” indelével na Cultura durante e após a 2.^a Guerra Mundial, o que pela sua originalidade e intemporalidade estão ainda hoje presentes na história da Humanidade.

A desvalorização, nos dias de hoje, dos valores intelectuais nacionais e humanos é bem patente, substituídos por valores de subserviência absurda dos seus valores sociais, morais ou de solidariedade, repercutidos na ordem e onda mundial em que as descobertas e práticas no campo das novas tecnologias, particularmente da comunicação e da informação, trouxeram para a “efemeridade” os valores sustentáveis do comportamento entre os humanos baseados nos direitos e deveres de uns para com outros e na igualdade entre homens e mulheres.

Não nos esqueçamos dos benefícios que hoje se apregoam com prováveis contradições ocultadas e que, num futuro não longínquo, serão claramente perversos para os seres humanos.

Não terei tempo nem lugar para poder, sem preconceitos, observar, reflectir, nem tão pouco adquirir os conhecimentos e descobertas tecnológicas para os contestar, apoiar, ou os praticar num presente-futuro que para mim nem será passado, presente ou futuro. Apenas; não será!!!

Estando atento, creio eu, ao que se passou e observando o que hoje se passa no mundo da minha existência sustentável apoiado

na minha necessidade de apreender novos conhecimentos e consequentes vivências, confesso, sem alardes, a minha soberberia para com aqueles do presente que subscrevem a crítica, que me pertencia na juventude, quanto às “Memórias” daqueles e de todos que desejam transmitir o que de importante viveram e querem deixar um “testamento de vida” para as futuras gerações para que conheçam a gênese e as contradições das suas atitudes comportamentais para com aqueles que os precederam e lhes deram o mais importante: a Vida; pessoal, cultural, política, ideológica ou religiosa.

Menosprezar absurdamente o sem critério a herança do passado é não compreender o presente nem terem os instrumentos fundamentais para a produção e inovação dum futuro, mesmo que futurável.

Encontrando-me adiantado no calendário dos dias, sinto agora a incorreção de atitude que tive na minha juventude e o prazer de agora encontrar a boa razão e a lógica da nova atitude ao deixar as “Memórias” que a memória me concede ao revisar os bens que herdei de Sartre, André Gide, Kierkegaard, Simone de Beauvoir, e mais tarde de Hartmann, de entre outros e muitos, através dos seus pensamentos, reflexões, observações e ideologias deixados nas suas obras filosóficas, sociológicas, políticas e de literatura. Ao tomar contacto com as suas obras, elas foram caldeando e apurando a minha sensibilidade; desenvolvendo o meu pensamento e estruturando o meu comportamento político e social, numa atitude de há muito tempo atrás, onde o relativismo e o fenomenalismo foram igualmente importantes para o meu modo de viver, pensar, trabalhar, partilhar e respeitar uns e outros, aprofundando em mim a necessidade de compreensão da diversidade de cada ser no contexto de uma sociedade igualitária, nos direitos e deveres, e no valor dos pensamentos de cada um em plena integração com o natural direito da existência livre ou libertária; contra a imposição de valores e de modelos inconsequentes, reveladores da desigualdade dos preconceitos e da graduação social reveladora no sentido global da diferença de acesso aos bens educacionais, culturais, sociais, políticos e económicos que a todos os humanos estão reservados no “Direito

Natural”, esquecido em muitas sociedades humanas por razões de individualismo, egoísmo e da lógica duma globalização que, na quase totalidade das suas variáveis, interessa aos que ditam, promovem, têm ou usurpam os poderes como sendo os “eleitos” representantes dos poderes dos mais beneficiado,s esquecidos os seus concidadãos ou os outros humanos.

O importante que foi, ainda existe, tudo depende como se vê o passado e seus benefícios. Importante é passar o testemunho e a herança mesmo que seja somente para benefício daqueles que acreditam na transmissão de valores, vivências, acontecimentos dos que agora já não são e deles precisarem.

Seguindo nesta estrada encontro-me com meus descendentes e colaterais ascendentes familiares, ainda viventes, e, ainda, com os meus companheiros e companheiras, amigos e amigas que comigo partilharam momentos, sentimentos, vontades e acontecimentos, mas não tiveram nem oportunidades; nem convívio suficientes para me conhecerem, julgo eu, o que de mim fui, projectei, realizei durante a minha “vida activa” como é politicamente corrente dizer-se.

Conscientemente chamei ao terreno estes dois termos demasiado fixados nos conceitos legislativo, morais e sociais: o de vida e de activa.

Vida, conceito que se inicia com a situação iniciada desde o nascimento intra-uterino e acaba com morte biológica ou, em maior rigor científico, com a morte cerebral.

Activa, conceito que, por razões de ordem economicista e produtivista, começa com a vida de trabalho profissionalizante ou outro e acaba com o início da quebra do vínculo laboral na ordem legislativa do trabalho, ou em situações individuais provocadas quer por falta de condicionantes externas ou de saúde pessoal.

Na ordem da relatividade dos comportamentos humanos, resguardados os preceitos legislativos de uma sociedade nacional representada ou pelo Estado a que pertence, o cidadão ou cidadã, não é lícita a aplicação de uma terminologia que não poderá ter um significado sociológico, ou biológico, alargado e generalizado, quando aplicado aos viventes. Aqui há sim que ter em

consideração todo o sistema da actividade cerebral, pensante, sensitiva, sensorial, biológica, pulsional, por vezes mais produtiva que a profissionalizante ou profissionalizada.

Isto, assim, acontece porque as sociedades modernas ditas tecnológicas esquecem o consagrado dever de valorizar o direito Natural, regendo-se “exclusivamente” pelo Direito Positivo, imposto por via organizativa política, social ou ideológica de um círculo ou de uma comunidade que se impõe por via de “códices” arregimentados por estruturas estatais.

Aqui a contradição de uma legislação que se pretende seja justa só por ser aplicáveis a todos os cidadãos ou cidadãs do país e se cumpra não aceitando o direito de cada um numa ordem social saudável. Impõe-se por via partidária ou parlamentar com direito exclusivista de legislar sobre matéria tão escorregadia quanto a exclusividade de uma maioria insustentável apoiada por uma ideologia “maioritária” sem ser nacional; ou então, por interesses poderosos anónimos ou classistas.

Concluída esta reflexão a destempo e neste lugar direi que nada do que possa ser uma razão argumentativa responsável, vai interferir neste meu projecto, que peca por tardio. Aqui irei relembrar-me desde o dia da minha afirmação de um ser nascido até ..., onde não sei.

Procurarei relatar até onde me for permitido pelo Criador e pela sanidade mental, física e moral, aspectos interessantes tão diversos, e inesperados ou automatizados, impostos pelas pulsações interiores que se afirmam e se contradizem com a realidade circunstancial do meu eu.

Dada a imprevisibilidade da construção, afirmação e concretização do projecto, na ordem temporal, irá desenvolver-se por fases da vida experienciada.

A primeira, desde o embate com o mundo físico externo até ao final da vida académica.

A segunda, pertencerá à constituição de uma família, segundo os modelos da época, desenvolvida nos descendentes directos e diversos sectores da vida de trabalho.

A Terceira, e mais interessante, por ventura, caberá dar notícias várias sobre a actividade profissional em que apostei e a que me dediquei.

É neste contexto que me irei afirmar em memórias na corrente das mudanças e dos variados aspectos reflectidos na consagração do tempo à vida laboral numa quase constante variabilidade das tarefas e responsabilidades que, por razões insondáveis do destino ou da circunstancialidade, se foram sucedendo, completando assim, a minha atitude de liberdade, abertura e disponibilidade para aceitar todos os desafios que me eram propostos ou que, por razões da minha interioridade, os procurava. Para tal, poderei dar como explicação a força genética e o interesse social havida na minha juventude sempre na procura do conhecimento do que me rodeava e se me apresentava surpreendentemente.

A roda gigantesca da vida sempre rodando em “motu continuo” na transversalidade cada vez mais acelerada no plano pessoal, familiar e profissional não foi favorável às pausas compensadoras da troca de experiências, sentimentos; propostas de comportamentos e de visões sociais, políticas, religiosas ou humanitárias para se expressarem na comunicabilidade da solidariedade, no contexto do comportamento de povos e nações.

Tudo isto aconteceu ou terá acontecido porque, hoje, é quase impensável agarrar os ócios para seriamente aprofundar um conhecimento imunizado, acéptico, que vá do trivial, tradicional, moderno ou até à circunstancialidade e relatividade fenomenológica, deixando de ter sentido o tempo perdido ou concedido às consciências experimentadas, por quem ainda consente que valores ou ideologias façam parte importante da vida de cada um de nós e de nós nas comunidades transnacionais.

Os “marcos” inquestionáveis que foram “algueres”, no tempo e no espaço, do enquadramento político, social, profissional, confessional ou religioso que abriram e fecharam fronteiras não as físicas mas as do confronto entre a intimidade e privacidade e o assumir dos comportamentos nas relações de mim com o meu eu; ou com as do eu com o eu dos outros em todas as plataformas imagináveis ou inimagináveis, no quadro das inter-relações

dos arquétipos que as sociedades globais vão criando, nos impõem, nos confundem ou nos formatam.

O certo e o incerto são tão insofismáveis quanto as dúvidas com o mesmo grau de interdependência quanto à afirmação pelos direitos e deveres individuais de cada um, nós com cada um dos outros, ou seja, a harmonia da existência do eu e do Outro.

Esta a confissão pública de um erro cometido por mim ao ter desvalorizado quem escreveu, no passado, memórias que tinham por interesse divulgar factos, personalidades e acontecimentos que reflectiam a sua época em que se haviam manifestado através das suas convicções filosóficas, políticas, sociais ou religiosas e por elas tenham vivido.

Mais surpreendente é quando olho para umas dezenas de anos, antes de hoje, e vejo-me como um caminhante percorrendo uma larga estrada com imensas “rotundas”, umas largas outras de pequenas dimensões; e todas elas com inúmeras saídas por onde continuar ou encetar novas caminhadas e descobertas da inovação e da criatividade humanas.

Tendo como companhia o meu exclusivo “compagnon de route” nunca hesitei continuar ou mudar de saídas que se me apresentavam; uma vez que, reflectindo sobre as variáveis possíveis, tornavam-se mais fáceis as tomadas de decisão. Decisões que por determinação pessoal ou capacidade de adaptação, nunca me arrependi ou nunca a contrariei mesmo que o peso de simples “contrariedades” e das notórias “responsabilidades” se interferissem neste novo projecto. Aliás, é com satisfação e verdade que, aqueles, uma vez ultrapassados com diálogo e a prática do pensamento equilibrado ao serviço da defesa dos interesses científicos de investigação, acrescidos mais tarde pelas responsabilidades político-diplomáticas das instituições em que servi, constituíram uma força interior para afirmação do meu eu, tanto no compromisso com os poderes políticos, ao longo de mais de quase 45 anos de actividade profissional nos ramos da investigação, ensino, estruturação de serviços do Estado, quanto no estudo de projectos, propostas e representação de vários departamen-

tos da República Portuguesa no País; e no Estrangeiro, no âmbito das relações bilaterais e multilaterais.

Como o meu “compagnon de route”, julgo eu, apesar de nem sempre me surpreender, nem fazer “greve” condicional, está presente em mim e querendo estar por mais algum tempo comigo, vou continuar escrevendo memórias de que, por vezes, não são minhas, mas dele, que me faz recordar na maior tranquilidade ou inquietude, e avançar no projecto com sua insuspeitada presença amiga, mesmo que eu não lhe peça ajuda.

Este é o meu propósito de hoje; até onde e quando não sei.

Sei que não deixarei nem me calarei para afirmar que o futuro se constrói desde o presente e o presente tem fundações estruturadas na variabilidade de conceitos e ideologias construídas por quem no passado teve intervenção directa ou indirecta, concorrente para a evolução e desenvolvimento do presente e do futuro deste País, tanto no plano nacional como internacional.

Diz-se: o Caminho faz-se caminhando e o futuro faz-se futuro.

Hoje, como Ontem, não há nem haverá hoje sem Ontem.